

Análise das Múltiplas Interpretações da Educação Ambiental

Daiane Hengler - daianehengler@uol.com.br

Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU

Davidson Araújo de Oliveira - araujo.davidson@hotmail.com

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Dennys Salomão Hid – salomao.puc@gmail.com

Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU

Área temática: Gestão Ambiental

RESUMO

Este artigo explora a relação entre a educação e o meio ambiente, apresentando a importância da educação ambiental para a formação do cidadão que se torna consciente de seus atos em relação ao meio em que vive. Abordando as principais recomendações internacionais e a regulamentação nacional que definem como a educação ambiental deve ser realizada dentro das instituições de ensino. A pesquisa qualitativa é realizada por meio da exploração bibliográfica, abordando autores nacionais e internacionais que discorrem sobre as quinze “correntes” da educação ambiental – corrente naturalista, conservacionista, resolutiva, sistemática, científica, humanista, holística, biorregionalista, prática, crítica, feminista, etnográfica, ecoeducação, sustentabilidade, moral e ética – apresentando as diferentes teorias e metodologias, junto com as suas principais qualidades e limitações.

Palavras-Chave: Gestão Ambiental; Educação Ambiental; Regulamentação Educacional;

INTRODUÇÃO

A sistemática em que se dá o processo de educação envolve diversos fatores, sejam eles biológicos, de acesso e principalmente os de ordem social. Ao se tratar de uma problemática o sintoma é direcionado a um dos fatores, frequentemente culpabilizando o aluno e o contexto no qual está inserido, descartando o papel que a sociedade, a escola e toda a política adotada pela Instituição exercem sobre a formação de seus ideais, de forma a estigmatizar o aluno.

As pesquisas sobre educação ambiental trabalham diretamente com a relação entre a educação e o meio ambiente, gerando múltiplas interpretações entre as diversas linhas de pesquisa, esta disparidade esta relacionada diretamente às diferentes percepções dos próprios pesquisadores. Mas, para se analisar o desenvolvimento das diversas linhas de pesquisa é necessário abordar a relação da educação com o meio ambiente, que supostamente propiciaria um impacto positivo no desenvolvimento dos indivíduos tornando-os mais consciente de suas atitudes.

Apresentando as principais recomendações internacionais e a regulamentação nacional que definem como a educação ambiental deve ser realizada ao longo de todo o ensino, desde o ensino básico até a graduação, abordando sempre o ambiente local em que o aluno reside.

Para explorar as múltiplas interpretações sobre a educação ambiental a análise se baseia nas diferentes linhas de pesquisa, ou como denomina a autora Lucie Sauvé, nas quinze correntes de educação ambiental com as suas principais obras e seus autores, a fim de, reforçar a pluralidade de compreensão exercida sobre o tema.

Desta forma, o trabalho aqui desenvolvido realiza um levantamento bibliográfico nacional e internacional dentro das quinze correntes de educação ambiental, detalhando como estas correntes têm se propagado identificando os principais autores dentro destas quinze interpretações.

Assim se caracteriza o objetivo desta pesquisa, que baseado em um levantamento bibliográfico nacional e internacional, busca explorar as diversas interpretações sobre o tema de educação ambiental, e como cada uma delas pode influenciar na educação ambiental brasileira.

1. EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

Ao analisarmos em âmbito global e histórico, não encontraremos de fato um *start-up* para a pesquisa e desenvolvimento da Educação Ambiental (EA). Assim como qualquer outro assunto, pode gerar diferentes opiniões e periodizações, tanto é que podemos considerar que os primeiros a escreverem sobre o assunto são Teócrito, autor grego que viveu cerca de 300 anos A.C. com seus poemas Idílios e o poeta romano Virgílio de 100 anos A.C. com as obras Bucólicas e Geórgicas, que apresentavam movimentos de celebração da vida campestre e o do trabalho rural (Barbieri e Silva, 2011).

Isto enfatiza que, o homem tem atuado sobre a natureza desde sua criação em função de suas necessidades, inicialmente tinha como propósito a sobrevivência de sua própria espécie, porém uma das características da espécie humana é que não nos limitamos a imediaticidade das situações com que nos deparamos, deixamos de ser restringidos pelas necessidades que se revelam em nosso presente. A ação humana não é apenas biologicamente

determinada, o que a diferencia é a incorporação das experiências e conhecimentos produzidos e transmitidos ao longo do tempo. Essa transmissão ocorre por meio da educação e da cultura do grupo determinado, evitando que as futuras gerações voltem ao ponto inicial de seus antecessores. Esta ação do homem na natureza torna-a humanizada, alterando-a para melhor suprir as necessidades humanas, mas também atingem ao próprio homem que a partir deste momento já não é mais o mesmo. Por meio deste processo o homem vai se construindo e se diferenciando cada vez mais das outras espécies. Esta interação homem-natureza é um processo de mútua transformação que se tornou permanente, assim cada nova interação (humana) reflete uma natureza modificada, pois nela se incorporam criações antes inexistentes, e repercute também em um homem já modificado, pois suas necessidades, condições e caminhos para satisfazê-las são outros que foram sendo construídos por si próprios (Andery, Micheletto e Sério, 2007).

Assim, pesquisadores modernos criaram a consciência de que, o processo de educação é um exercício que desenvolve as habilidades do indivíduo, cultivando a ciência, a arte e os valores morais e espirituais necessários ao ser humano, para que ele se desenvolva como um ser social consciente. O que torna a educação, uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento sustentável.

Para os autores Hoyos Guevara e Victoria Caratina Dib (2011) devemos desenvolver a capacidade crítica, o espírito de iniciativa e o senso de responsabilidade no educando perante o mundo moderno. Para que haja cidadania, sustentabilidade, cooperação, solidariedade, responsabilidade e ética que são características fundamentais de uma sociedade consciente.

O economista Ladislau Dowbor (1994) apresenta algumas sociedades que já alcançaram esse nível de conscientização coletiva e como os indivíduos atuam em sua localidade.

- Na Suécia, país que em 1969 propôs a ONU (Organização das Nações Humanas), uma conferência internacional a fim de discutir problemas ambientais que já alcançavam dimensões absurdas, o cidadão participa em média de quatro organizações comunitárias, o que supre várias necessidades sociais.

- Na Venezuela, surgiu com força o movimento de *vecinos*, um sistema alternativo de controle social e político.

- A Colômbia generalizou as organizações comunitárias nas “veredas”, que é uma divisão territorial específica.

- A França possui comunidades planejadas, suprimindo as necessidades básicas da população, incluindo uma educação descentralizada e mais articulada.

O autor defende a metodologia educacional aplicada na França, acreditando que a educação descentralizada e mais articulada ajuda a tornar o educando mais consciente, primeiro no meio em que vive e depois no mundo a sua volta.

Porem, há sociedades que ainda não alcançaram este grau de conscientização socioambiental e que sofrem a opressão das mazelas do mundo moderno como o desemprego, falta de educação, fome e doenças. Assim resgatamos Paulo Freire que é incisivo ao afirmar que a libertação (das mazelas) só vem através da educação.

“Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles o efeito da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pelas práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de luta por ela” (Freire. P.; 2001. p. 42-43).

Para multiplicar este conhecimento a UNESCO (2005) solicita que a EA seja realizada mediante interdisciplinaridade de forma integrada ao currículo, complementando a formação do indivíduo, visando aquisição de valores, desenvolvendo o pensamento crítico e a capacidade de encontrar soluções para os problemas, que estimule o processo participativo e de decisão, aplicável e integrado às experiências de aprendizagem na vida pessoal e profissional; por fim, estar estreitamente relacionada com a vida local, abordando as dificuldades regionais e globais.

2. RECOMENDAÇÕES E REGULAMENTAÇÃO

Décadas antes da publicação do documento da UNESCO (2005) o Brasil já possuía leis que regulamentavam a EA nas diversas áreas de ensino. Esta regulamentação vem sendo desenvolvida ao longo dos anos e as principais normas brasileiras envolvendo o assunto são de 1988, época da publicação da nova Constituição Brasileira, afirmando que:

“Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, com uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para os presentes e futuras gerações” (Constituição Brasileira, 1988, Art. 225)

No mesmo artigo, torna-se clara a responsabilidade do Estado no que tange à educação ambiental, dando-lhe a responsabilidade de *“promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”* (Constituição Brasileira, 1988, Art. 225, Capítulo VI)

Em 1991, o MEC decide que todos os currículos nos diversos níveis de ensino deverão contemplar conteúdos de Educação Ambiental (portaria 678 (14/05/91)).

No Brasil atua o órgão gestor da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). Composto pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) e pelo Ministério da Educação (MEC), é responsável pelo direcionamento e coordenação do Programa Nacional de Educação Ambiental, o ProNEA. Sua função é assegurar, no contexto educativo, a harmonia dos múltiplos aspectos á cerca da sustentabilidade – ambiental, social, ético, cultural, econômico e político; promovendo melhor qualidade de vida para a população por meio do envolvimento e participação social na conservação ambiental e manutenção em longo prazo.

Em respostas, foram criados diversos centros de pesquisas, parâmetros curriculares e por fim, a Diretoria de Educação Ambiental utilizando o Estado de São Paulo como base.

No ano de 2005 a UNESCO publicou a obra *“Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável 2005-2014”*, que foi classificada como plano internacional de implementação, com cinco objetivos principais, sendo: a) Valorizar a educação, pois só através dela alcançaremos o desenvolvimento sustentável. b) Facilitar contatos, criar redes, e promover intercâmbio e interação entre as partes envolvidas no programa de Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS). c) Oferecer espaço e oportunidade para aperfeiçoar o conceito de desenvolvimento sustentável. d) Melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem a favor da EDS e desenvolver estratégias em todos os níveis, que aperfeiçoa a capacidade da EDS.

Mesmo após vinte quatro anos de constituição, não são todas as escolas que possuem a alfabetização ambiental ou o ensino das práticas sustentáveis, propriamente dita, em suas grades curriculares. As instituições de ensino que promovem a EA sofrem com as diferentes linhas de pesquisa, o que dificulta o desenvolvimento de um determinado conteúdo e de sua metodologia.

3. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUAS DIFERENTES CONCEPÇÕES

A dificuldade em desenvolver um conteúdo comum sobre a EA poder ser compreendida pelas suas diferentes interpretações. Segundo Barbieri e Silva (2011) ao se realizar pesquisas em relação à EA nos deparamos com diversas classificações realizadas por parte dos autores, começando pela sua própria denominação. Entre os exemplos citados pelos autores estão:

- Moacir Gadotti: professor titular da Universidade de São Paulo que publicou em 2000 a obra intitulada de Pedagogia da Terra.

- David Hutchison: Professor da Brock University em Ontário, Canadá, também publicou uma obra no qual pautava a EA no ano 2000 com o nome de Educação Ecológica.

- Fritjof Capra: Diretor fundador do Centro de Alfabetização Ecológica em Berkeley, Califórnia, publicou o livro Alfabetização Ecológica em 1999 (*Ecoliteracy: Mapping the terrain*).

As diferentes propostas de denominação para a EA refletem a possibilidade de múltiplos entendimentos, no que diz respeito ao ser humano, meio ambiente, causas dos problemas socioambientais e o que se espera da ação educativa para a resolução destes problemas. A autora Lucie Sauvé (2005) afirma que:

“Quando se aborda o campo da educação ambiental, podemos nos dar conta de que apesar de sua preocupação comum com o meio ambiente e do reconhecimento do papel central da educação para a melhoria da relação com este último, os diferentes autores (pesquisadores, professores, pedagogos, animadores, associações, organismos, etc) adotam diferentes discursos sobre a EA e propõe diversas maneiras de conceber e de praticar a ação educativa neste campo. Cada um predica sua própria visão e viu-se, inclusive, formarem-se “igrejinhas” pedagógicas que propõem a maneira “correta” de educar, “o melhor” programa, o método “adequado”. (Suavé, L. 2005 p.17)

Em sua pesquisa Suavé (2005) organiza diversas possibilidades práticas e teóricas no campo da EA e elabora um mapa deste “território” pedagógico, identificando as diferentes “correntes” da EA.

“Corrente se refere aqui a uma maneira geral de conceber e de praticar a educação ambiental. Podem se incorporar, a uma mesma corrente, uma pluralidade e uma diversidade de proposições. Por outro lado, uma mesma proposição pode corresponder a duas ou três correntes diferentes, segundo o ângulo sob o qual é analisada” (Suavé, L. 2005 p.17).

A autora separa as quinze correntes em dois grupos como apresentado no quadro abaixo. O primeiro grupo é formado pelas correntes tradicionais que foram dominantes nos anos 70 e 80 enquanto o segundo grupo é composto pelas correntes modernas que surgiram nos anos 90 e 2000. As quinze correntes apresentadas pela autora são:

Correntes Tradicionais / Antigas	Correntes Modernas / Recentes
Naturalista	Holística
Conservacionista	Biorregionalista
Resolutiva	Prática
Sistêmica	Crítica
Científica	Feminista
Humanista	Etnográfica
Moral e Ética	Ecoeducação
	Sustentabilidade

Quadro 1 – As quinze correntes da educação ambiental

Fonte: Adaptação Suavé (2005)

Correntes Tradicionais / Antigas:

- Corrente Naturalista: Está centrada na relação com a natureza, apoiando o aprendizado através da imersão e imitação. Esta corrente também pode ser associada ao movimento de “educação para o meio natural” (*nature education*) e para a “educação ao ar livre” (*outdoor education*). Entre os pesquisadores desta corrente, são citados, Steve Van Matre com a obra “*A new beginning*” e Darlene Clover com “*The nature of transformation*”.

- Corrente Conservacionista: Focada na “conservação” dos recursos naturais, podendo ser a água, o solo, energia e a biodiversidade, preocupando-se com a qualidade e quantidade. Esta “educação para a conservação” ficou conhecida pelos seus três “R”, redução, reutilização e a reciclagem. A Associação COREN da Bélgica define o eco-consumo como uma série de práticas para a aquisição dos produtos, sendo eles, recicláveis; não tóxicos e a sua utilidade.

- Corrente Resolutiva: Possui o objetivo de informar as pessoas sobre as problemáticas ambientais e de desenvolver propostas que possam resolvê-las. Harold R. Hungerford, autor de “*Investigating and evaluating environmental issues and actions*”, acredita que a EA deve focar as problemáticas ambientais (*environmental issues*) incluindo seus componentes sociais, ecológicos e suas controvérsias.

- Corrente Sistêmica: Busca identificar os diferentes componentes do meio ambiente apresentando as suas relações para uma melhor compreensão da problemática estudada, André Giordan e Chirstian Souchon apresentam, em “*Une éducation pour l’environnement*”, o modelo sistêmico como um trabalho interdisciplinar que trata a complexidade dos objetos e fenômenos estudados.

- Corrente Científica: Na busca da identificação, especialmente da relação causa e efeito, a corrente científica baseia-se na indução de hipóteses a partir de observações e verificação. Autores e pedagogos se interessam por esta corrente pela preocupação no âmbito didático das ciências ou, pelo interesse em ciências do meio ambiente. Para Louis Goffin, autor de *“Éducation environnementale à l’école: objectifs et méthodologie”*, o modelo pedagógico deve seguir as etapas do processo científico, contendo a exploração, observação, hipótese e verificação.

- Corrente Humanista: Focado na dimensão humana do meio ambiente, desenvolvido no cruzamento da natureza com a cultura, desenvolvendo uma paisagem, que corresponde a um meio de vida, incluindo uma perspectiva histórica, cultural, política e econômica. Bernard Dehan e Josette Oberlinkel trabalham encima desta corrente na obra *“Une pédagogie de projets interdisciplinaires”*.

- Corrente Moral e Ética: Baseia-se no desenvolvimento de um conjunto de valores, tendo a sua ênfase no meio ambiente. Alguns pesquisadores estimulam a adoção de uma “moral” ambiental e sugere um código de conduta desejável em relação ao meio. Louis Iozzi, autor de *“Preparing for tomorrow’s world”*, acredita no desenvolvimento moral dos alunos, através de um confronto onde ele (o aluno) é obrigado a tomar uma atitude e justificá-la.

Correntes Modernas / Recentes:

- Corrente Holística: Procura identificar, de forma “global”, a rede de relações que une os seres entre si, em conjuntos que adquiram sentido. Convida o pesquisador a se apropriar de um local, podendo ser um bosque, uma cidade ou até um país, para explorá-lo livremente, apropriando-se de diferentes enfoques de realidade, podendo ser sensorial, cognitivo, afetivo, intuitivo e etc. Nigel Hoffmann propõem um enfoque orgânico das realidades ambientais em sua obra, *“A goethean approach to environmental education”*.

- Corrente Biorregionalista: Aborda um espaço geográfico definido pelas suas características naturais sem se influenciar pelas suas fronteiras políticas. Focada no desenvolvimento de uma relação da educação com o território local ou regional. Elsa Talero e Gloria Humana de Gauthier desenvolveram um modelo de EA que insere a perspectiva biorregional, com o intuito de formar novos professores. O modelo foi descrito na obra *“Educacion ambiental – capacitación de docentes de básica primaria”*.

- Corrente Prática: Não se trata, a priori, de desenvolver os conhecimentos e habilidades, mas de colocar-se imediatamente em ação e provocar o aprendizado através da realização do projeto, convidando o individuo a uma reflexão da própria ação. A obra *“Education in action – a community problem solving programs fos schools”* de Willian Stapp desenvolve o modelo de prática através da “pesquisa-ação” para a resolução dos problemas comunitários.

- Corrente Crítica: Inspirada na “teoria crítica”, esta corrente baseia-se praticamente na análise das dinâmicas sociais, sendo elas, análise de intenções, de posição, de argumentos e de valores explícitos e implícitos. A prática pode ser desenvolvida através deste enfoque crítico da realidade do meio, criando a sua própria educação ambiental, como Robottom e Hart descrevem na obra *“Research in environmental Education: engaging the debate”*.

- Corrente Feminista: Se opõe ao predomínio do enfoque racional das problemáticas ambientais e ressalta a importância dos enfoques intuitivo, afetivo, simbólico, espiritual e artístico das realidades do meio ambiente. Annette Greenall Gough insere a crítica feminista

na educação ambiental, através da obra *“Education and the environment: policy, trends and the problems of marginalisation”*

- Corrente Etnográfica: Inspirada por diferentes culturas pedagógicas, esta corrente sugere a adaptação da EA para as diferentes realidades culturais, criando uma pedagogia específica para cada região. Thierry Pardo explora as possibilidades da etnopedagogia na obra intitulada por *“Éléments d’ethnopédagogie pour l’éducation relative à l’environnement”*.

- Corrente da Ecoeducação: Estimula os laços da EA com os alunos tornando-se primordial, não esta focada na resolução dos problemas, mas com o desenvolvimento pessoal do indivíduo, tornando-o mais responsável e consciente de seus atos. Tom Berryman busca identificar períodos ou estágios (assim como Freud ou Piaget) para o desenvolvimento do indivíduo, associando práticas específicas de educação ambiental. A obra referente ao assunto é *“Éco-ontogenèse et Education”*.

- Corrente da Sustentabilidade: A educação para o desenvolvimento sustentável consiste em desenvolver os recursos humanos, apoiar o progresso técnico e promover as condições culturais que favoreçam as mudanças sócio-econômicas. A UNESCO publicou e difundiu o documento intitulado *“Reforma da educação para um desenvolvimento sustentável”*, a fim de, instaurar esta “nova” educação.

Para as autoras Albernaz e Laurino (2011) a EA ideal, despreza o olhar que explora o ambiente como um bem que podemos tomar e usufruir livremente, mas também não deve ter um olhar “salvacionista” propagado em diversos discursos, em que, o meio ambiente transcende a tudo e a todos, afirmando que esta linha de raciocínio que prega a EA como a única forma de salvar o planeta também seria limitada.

As autoras questionam o porquê de tantos adjetivos para a EA, e o porquê de tantas tipologias para este tema, afirmando que *“os modos de cada um atuar, ser, pensar, descrevem o sentido de EA que cada pessoa tem”* (p.39), o que tornaria sua interpretação e sua assimilação subjetiva, variando de pessoa para pessoa (Albernaz. & Laurino. 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa deixa clara a importância da educação ambiental para a formação do cidadão consciente, permitindo que ele atue de forma ponderada sobre os recursos naturais sem influenciar de forma negativa a sociedade em que ele vive e o meio em que habita.

Para que a formação do cidadão seja completa foram criadas diversas recomendações internacionais e até uma regulamentação nacional que garantisse uma educação ambiental de qualidade em todas as instituições de ensino, porém, não são todas instituições que cumprem com essas normas.

O estudo ressalta a dificuldade comum entre as instituições de ensino, que é as múltiplas interpretações da educação ambiental, cada uma delas tendo sua teoria e metodologia. O que a priori, complicaria o desenvolvimento de um conteúdo comum entre as instituições, a própria UNESCO recomenda que a educação ambiental deve estar relacionada ao meio ambiente em que o aluno reside, o que inviabilizaria um conteúdo padrão entre as instituições. Esta recomendação sugere a criação de conteúdos personalizados ao cotidiano dos alunos, porém não especifica qual teoria ou metodologia é a mais adequada.

É importante pontuar a necessidade de desenvolver materiais e recursos tangíveis, bem como, a pré-disposição da sociedade a cerca da questão Educação Ambiental; vive-se um

momento bastante favorável para a EA compor a construção e a transformação de valores nocivos, intensificando assim, o uso contínuo e responsável dos bens comuns da humanidade. No entanto, precisa ser um processo permanente a uma função de dividir conhecimentos, ideias e práticas, promovendo de fato o trabalho comunitário e a participação em ações que contribuam para a melhoria da qualidade de vida.

A análise bibliográfica possibilitou uma melhor visualização do enfoque de cada uma das quinze correntes de educação ambiental, explorando autores pertinentes e obras de grande relevância, apresentando as principais qualidades e as suas supostas limitações, criando inúmeras possibilidades de articulação entre as diversas teorias e metodologias para a elaboração de um conteúdo específico para as diversas instituições de ensino.

A Educação Ambiental é um veículo pelo qual se dissemina o diálogo entre a sociedade e o meio. Proporciona, com ênfase, o controle social e torna-se um passo em direção a sustentabilidade e o equilíbrio entre a humanidade e o meio ambiente.

Assim, o trabalho chega ao seu objetivo de explorar as múltiplas interpretações da educação ambiental, discorrendo sobre as quinze correntes, apresentando obras e autores e corroborando para a formação de novos conteúdos que além de obrigatórios por lei, se apresentam como indispensáveis para formação do cidadão e por fim, reforça a discussão do tema dentro da própria academia.

BIBLIOGRAFIA:

ALBERNAZ, R. M.; LAURINO, D. **Formação ecosófica: Tramas Entre a formação e a educação ambiental.** Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. V.27, jun/dez de 2011

ANDERY, M.; MICHELETTO, N. SÉRIO, T. RUBANO, D. MOROZ, M. PEREIRA, M. GIOIA, S. GIANFALDONI, M. SAVIOLI, M. ZANOTTO, M. **Para compreender a ciência uma perspectiva historia.** 14^a Ed. Garamond, Rio de Janeiro, 2007

BARBIERI, J.; SILVA, D. **Educação ambiental na formação do administrador.** 1^a Ed, Cengage Learning, São Paulo 2011.

BRASIL. Constituição (1988). **Comstituição da república federativa do Brasil.** Brasília, DF, Senado, 1988.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso Futuro Comum.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1991.

DOWBOR, L. **O que é poder local.** 1^a Ed. Brasiliense, São Paulo, 2008

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 50^a Ed. Paz e terra, Rio de Janeiro, 2011

GUEVARA, A. J. H.; DIB, V. C. **Educação, consciência e sustentabilidade.** In: GUEVARA, A. J. H.; ROSINI, A. M.; SILVA, J. U.; CALADO, L. R.; RODRIGUES, M. C. **Educação para a Era da sustentabilidade.** 1^a Ed. Saint Paul, São Paulo, 2011.

SANTOS, N. L.; SILVA, M. M. P. **Por que educação ambiental não tem alcançado mudanças significativas na sociedade contemporânea? Uma análise de artigos publicados em eventos científicos no Brasil de 2005 a 2010.** Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. V.27, jun/dez de 2011

SAUVÉ, L. **Uma cartografia das correntes em educação ambiental.** In: SATO, M. e CARVALHO, I.C.M. (orgs.) **Educação ambiental: pesquisas e desafio.** Porto Alegre: Artmed, 2005

UNESCO. **Década da educação das Nações Unidas para um Desenvolvimento sustentável, 2005-2014.** Brasília: UNESCO. 2005. Disponível em <[HTTP://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000054.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000054.pdf)> Acesso em <1 fev 2012>.